

O CENTRO HISTÓRICO DE DARQUE*

Por JOÃO D'ALPUIM BOTELHO**

A freguesia de Darque está situada na margem esquerda do Lima, junto à foz, frente à cidade de Viana, encostada ao mar e subindo o rio em cerca de 4,5 km, com uma área de 8,5 km², para os seus perto de 7000 habitantes.

Atravessar hoje em dia Darque pela Estrada Nacional 13 não desperta qualquer curiosidade de conhecer mais esta freguesia. Puro engano: a fúria urbanística que, desde a década de 60, cercou a estrada de loteamentos e prédios incaracterísticos, deixando apenas algumas casas arruinadas, à espera da substituição por mais prédios, não conseguiu apagar uma vila cheia de orgulho, carácter e História.

As margens do Lima são suaves permitindo um bom aproveitamento das zonas de aluvião para o cultivo. Darque foi mesmo durante muito tempo conhecida pelos seus produtos hortícolas: *«É uma linda sádia e fértil povoação, muito abundante em cereais e vinha e ainda mais em hortaliças e mostarda. Produz os melhores melões da província. É aqui tanta a abundancia de alhos e cebôllas que abastece Vianna e outras povoações, exportando ainda grande quantidade para o estrangeiro»* (Pinho Leal, 1873).

Ao lado da actividade agrícola sempre houve a do transporte e comércio de produtos que, vindos por via fluvial e desembarcados no seu ancoradouro, eram daí distribuídos por toda a margem Sul do Lima. Rocha Páris (1882) refere-se-lhe nestes termos *«povoada de bons prédios e bonitas quintas, apresenta-se antes como villa importante que como aldeia obscura. É das freguezias ruraes mais importante e sem duvida a mais comercial»*.

Apesar de ter uma fachada virada para o mar, nunca se desenvolveram grandes tradições marítimas.

* Este trabalho foi apresentado na disciplina de Análise da Paisagem Histórica, do Curso de Especialização em Assuntos Culturais no Âmbito das Autarquias.

** Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o Curso de Especialização em Assuntos Culturais no Âmbito das Autarquias, pela Universidade de Coimbra. Técnico Superior da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Até à reforma dos concelhos, estabelecida pelo decreto de 6 de Novembro de 1836, Darque pertenceu ao concelho de Barcelos, sendo o limite entre estes dois concelhos definido pelo Rio Lima. (Nesta mesma data foram extintos e incorporados em Viana o Couto de Capareiros — hoje Barroselas — e o Concelho de Geraz). Este afastamento em relação à sede do concelho permite a Darque ter uma vida própria e um papel de charneira entre a margem Norte (Viana) e Sul do Lima (Barcelos, Barroselas) e ainda para o interior (Ponte de Lima).

Hoje em dia Darque pouco guarda dos seus tempos de Vila, estando cada vez mais estruturada (ou desestruturada) como um típico arredor de cidade. Como se processou esta transformação e, principalmente, o que sobreviveu é o que veremos ao longo deste estudo.

ENTRE O RIO, O MONTE, O MAR E A CIDADE

São vários os factores que condicionaram o povoamento desta freguesia, uns atraindo, outros repelindo: o rio e a proximidade da cidade atraindo; o mar e o monte repelindo.

Assim vamos encontrar o principal aglomerado populacional junto à margem do rio, de frente para a cidade, mas no local mais afastado do mar, encostado ao sopé do monte, sem o conseguir subir.

O Mar

O afastamento do mar foi provocado por um fenómeno físico de invasão do mar e da areia «*A acumulação das areias na margem Sul do Lima é das mais notáveis e características da costa portuguesa. Mercê da orientação, um pouco para Sudoeste, da primitiva margem marítima, as areias, carregadas pelo vento, penetraram profundamente para o interior da terra, atingindo e penetrando muito para montante a povoação de Darque*» (Mendes, 1958)

Este retraimento na área ocupável teve reflexos a nível administrativo e religioso, já que tendo deixado de ter capacidade de sustentar o abade, a paróquia de Darque foi anexada por Anha até finais do sec. XVI. Só se separa quando um pároco próprio faz assentos em seu nome, sem mencionar a

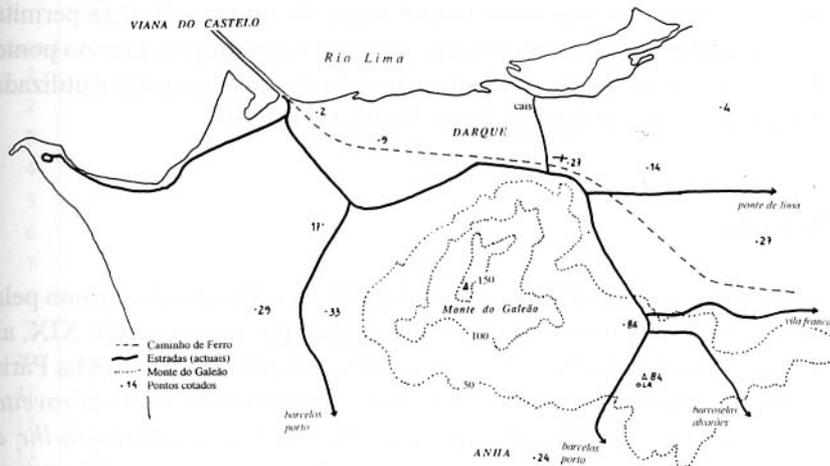


Fig. 1

anexação, mas já com a sua sede na igreja de S. Sebastião, deslocando-se da antiga sede na Capela de N.^a S.^{ra} das Areias: «a paróquia, que ainda no século XII se chamava «Sancta Maria de Darque» aparece já em 1220 (...) como «Sancta Maria de Arenis». Só no século XVI volta a aparecer a denominação «Darque», em 1527. (...) O que se passa é que parece haver dois lugares com o nome «Darque»: «Darqui Maiore», o que presspõe um «Darque (menor)». Era naquele lugar que se situava a igreja paroquial, mais para o mar que o lugar de Darque (menor). Foi Darque Maior que foi sendo progressivamente coberto pelas areias e mudou o nome para «Lugar da Senhora das Areias». (Abreu, 1988).

O mesmo autor considera que apenas o povoamento dos areais, desde o Cabedelo ao Campo da Areia, pelo pinheiro bravo possibilitou a ocupação posterior desta zona.

Como já foi dito, talvez como consequência deste fenómeno, não se desenvolveu qualquer comunidade junto à costa.

O Monte do Galeão

O Monte do Galeão eleva-se até aos 156 metros numa curta distância, o que, tornando as suas vertentes muito abruptas, o transforma num obstáculo intransponível entre o rio e o interior da margem Sul. O núcleo original de Darque vai-se situar no sopé deste monte, mal a encosta se suaviza e permite não só a passagem para o interior, como também a construção, mas no ponto mais a montante do rio, afastando-se do mar. A passagem a juzante foi utilizada pela principal estrada de ligação Porto-Viana. (ver fig. 1)

O Rio Lima

A ligação ao rio é muito forte e estruturante da ocupação do terreno pela população, o que acontece pelo importante papel que, até ao século XIX, as vias fluviais desempenharam como meios de comunicação. Já Rocha Páris (1882) notava que *«tendo o Lima a seus pés e aproveitando, como aproveita todos os benefícios e commodidades que elle offerece, explorando-lhe a navegaação e a pesca (...) Darque está destinada a tornar-se um dos centros principais de commercio do nosso concelho»*.

É no local em que se situa o ancoradouro, que acabou mesmo por dar o nome ao lugar: o «Cais Velho» ou simplesmente «Cais», que a povoação se vai desenvolver. O ancoradouro mais a juzante, junto à Capela de S. Lourenço, ficou a chamar-se «Cais Novo», por oposição ao primeiro. ⁽¹⁾

A vida desta freguesia esteve pois sempre ligada ao rio. As chatas (assim conhecidas pelo seu fundo plano, que permite a navegação com pouca água), barcos de água arriba, compridos até 12 m, de velas altas e que podiam carregar até 15 toneladas de carga, foram, durante muito tempo, o meio de transporte privilegiado das populações ribeirinhas para escoar os excedentes da sua produção (juntamente com os carreteiros que faziam o transporte terrestre), nas feiras e mercados ou pelo comércio regular. São várias as famílias de barqueiros de Darque que Carlindo Vieira (1984) identifica, nomeadamente os Camisões, os Batelada e os Meixedo.

(1) Este nome que já aparece em 1747, no *Diccionario Geographico* do Padre Luiz Cardoso, citado em Rocha Páris, 1882), confirmando a ocupação mais recente desta zona.

	PATAMAR			COLUNAS		ESCADAS					
	SEM ALPENDRE	SEM ALPENDRE	FECHADO	QUANTIDADE	MATERIAL	N.º DELANÇES	MATERIAL DEGRAUS	MATERIAL CORRIMÃO	PEDRA DE FIGURA	CANCELA	ACESSO
1			x	0		2	Gr	Gr	x	Ba	
2		x		0		1	Gr	Cim		Ba	
3		x		0		1	Mar	Met		Ba	
4			x	0		2	Cim	Met		Ba	
5	x			2	Gr	1	Gr	Gr		Ba	
6											Obs
7	x			2	Gr	1	Gr	Tij		Ba	
8	x			2	Gr	1		Met		Ba	
9			x	0		1	Mar	Met		Ba	
10	x			3	Gr	1	Gr	Tij		Ba	
11	x			1		1	Gr	Gr			
12				0							Obs
13	x			2	Met	1	Gr			Top	
14			x	0		1	Mar	Met			
15			x	0		1	Mar	Met			
16			x	0		1	Mar	Tij		Ba	
17		x		0		1	Gr	Gr			
18	x			2	Gr	1	Gr	Gr			
19	x			0		1		Met		Ba	
20			x	0		1	Cim	Met		Ba	
21			x	0		1	Gr	Met		Ba	Obs
22	x			3	Met	1	Gr				
23			x	0		1	Gr	Met		Ba	
24			x			1					Int
25			x			1					Int

LEGENDAS:

Gr – Granito

Mar – Mármore

Cim – Cimento

Met – Metal

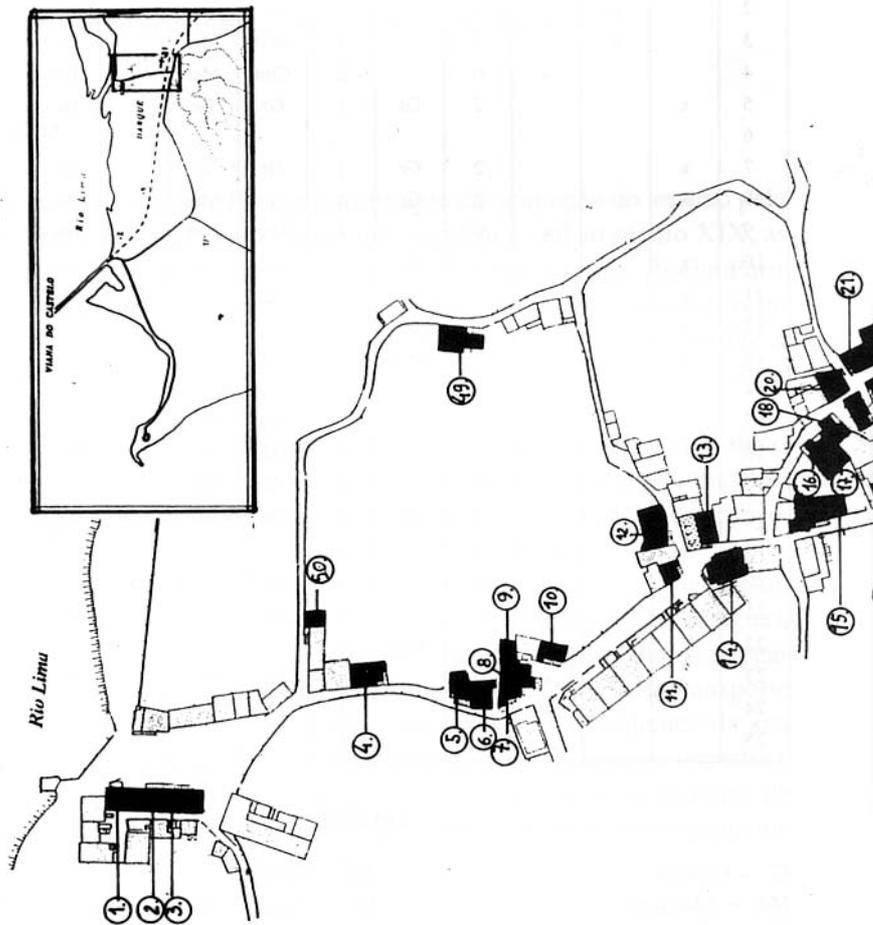
Tij – Tijolo

Ba – Quando a cancela está em baixo das escadas

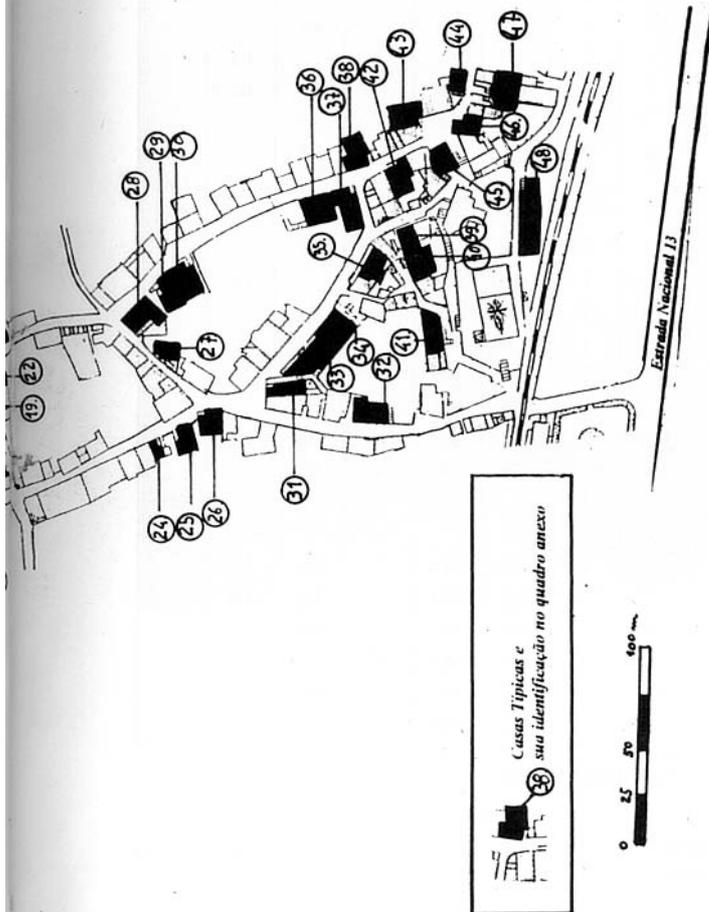
Top – Idem, no topo

Int. – Se o acesso não é feito directamente da rua

FIG. 6 – LOCALIZAÇÃO DAS
DE DAR



CASAS TÍPICAS NO «CENTRO HISTÓRICO»
QUE (RUA DIREITA)



	PATAMAR			COLUNAS		ESCADAS						
	SEM ALPENDRE	SEM ALPENDRE	FECHADO	QUANTIDADE	MATERIAL	N.º DELANCES	MATERIAL DEGRAUS	MATERIAL CORRIMÃO	PEDRA DE FIGURA	CANCELAS		ACESSO
26			x	0		1	Gr	Tij				
27			x	0		2	Gr	Tij		Ba		Obs
28	x			0		1	Gr	Tij		Ba		
29			x	0		2					Int	
30			x	0		2	Gr	Met		Ba	Int	
31			x	0		1	Gr	Gr	x			
32	x			2	Gr	2	Gr	Gr		Ba		
33												Obs
34	x			4	Gr	1	Gr	Gr		Ba		Obs
35		x				1	Cim	Met				
36			x	0		1	Gr				Int	
37	x			1	Gr	1	Gr	Gr	x	Ba		
38			x	0		1	Gr	Tij				
39			x	0		2	Gr	Met				
40			x	0		1	Gr	Met				
41	x			4	Met	2	Gr	Met		Ba		
42	x			1	Gr	1	Gr	Gr	x	Ba		
43												Obs
44		x		0		1	Gr					
45		x		0		2	Mar	Met		Ba	Int	
46		x		0		1	Gr	Met		Ba	Int	
47	x			4	Gr	1	Gr	Gr		Top		
48			x	0		2	Gr	Met	x			
49			x	2	Gr	1	Gr	Gr	x	Top		
50				0		1	Gr	Met				

OBSERVAÇÕES:

- 5 – A escada está em ruínas
- 12 – O alpendre e a escada foram fechados
- 21 – A escada é de um só lanço mas curva
- 27 – Escada perpendicular à casa
- 33 – Conjunto de casas com um patamar / varanda de acesso com cerca de 1 metro de altura, para onde se sobe por três degraus
- 34 – Casa nova (ver foto)

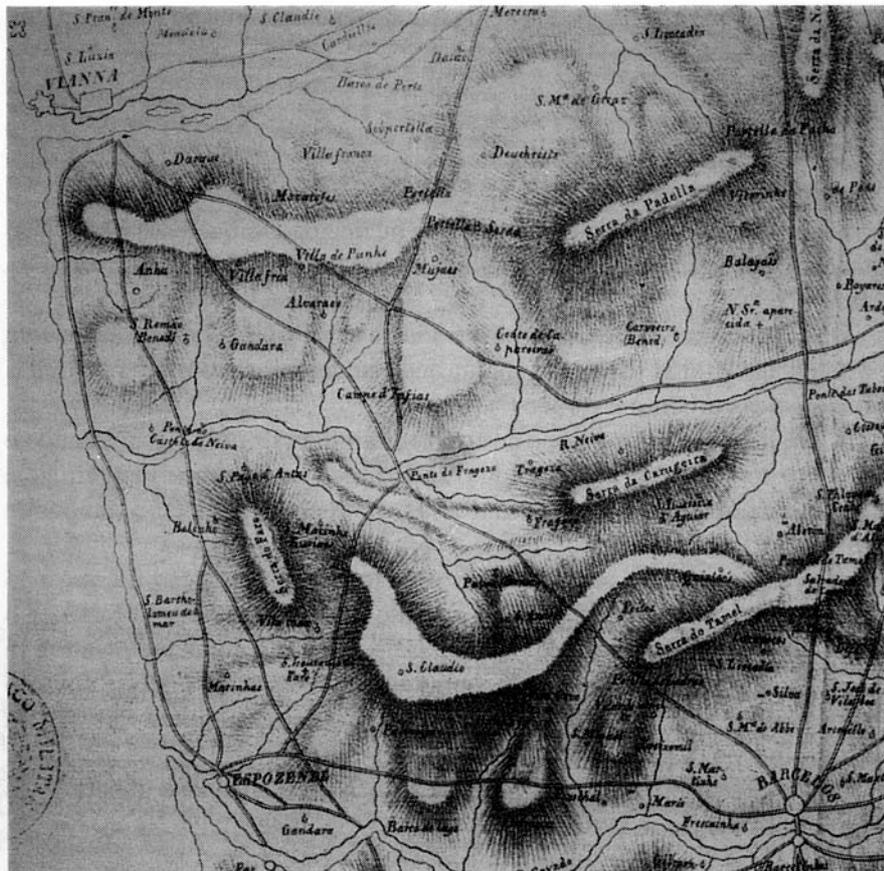


Fig. 2 – A ligação Viana - Porto era preferencialmente feita pelas duas estradas do litoral

A madeira das leiras dos montes, para as serrações, o vinho, que desde muito cedo foi exportado para Inglaterra, o sal, as salinas são referenciadas desde 1085), a cal dos dois fornos do Cabedelo e todos os outros produtos utilizados nas transacções normais e nas feiras foram assim transportados até ao grande desenvolvimento dos transportes rodoviários no século XIX.

De tal modo é importante esta relação com o rio que podemos ver nas cartas antigas que não há estrada de ligação a Ponte de Lima pela margem Sul do Lima ⁽²⁾. (ver fig. 2).

A Cidade: Viana do Castelo

Mais do que atracção, a relação deste núcleo de Darque com Viana é de imitação, procurando reproduzir numa escala mais pequena a estrutura da cidade. ⁽³⁾

Da cidade recebeu, assim, a influência da sua própria configuração, com a existência de uma via estruturante onde podemos encontrar misturadas características urbanas e rurais. ⁽⁴⁾

A ruralidade nota-se no tipo de casa, unifamiliar, de dois pisos, estando o térreo ligado à vida agrícola, sendo o superior de habitação, e também pela existência de troços de muradas, sem casas, a defender as quintas e campos de cultivo.

A urbanidade está bem marcada pela fortíssima atracção da via, não havendo praticamente casa que não estejam à face da rua e pelo facto de o acesso ao piso de habitação se fazer quase sempre directamente pela rua (e não por um portão, que dá acesso a um terreiro interior de onde se sobe ao piso de habitação, como é típico das casas rurais minhotas que vivem exclusivamente da agricultura).

Grande parte da rua tem um «passeio» formado por lages, defendendo os peões da circulação rodoviária.

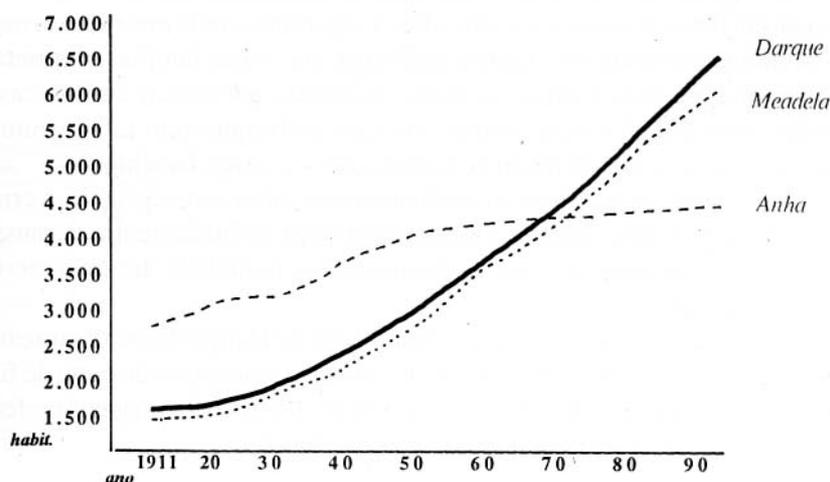
A área que acabámos de definir é pois o verdadeiro «Centro Histórico» de Darque. Além dele encontramos outro, este sim directamente atraído pela

(2) A localização da estação de Caminho de Ferro respeitou a vocação de Darque de escoamento e abastecimento das populações da margem esquerda do Lima, ficando localizado longe da entrada para Viana mas também do núcleo da Rua Direita e da sua ligação ao rio: é que a via fluvial deixou de ser o grande meio de transporte e cedeu o seu lugar à estrada e ao caminho de ferro.)

(3) Apesar de ser, até 1848, Vila, o termo cidade não é incorrecto pois é a principal povoação num raio de 20 Km pelo que desempenha essa função.

(4) É curioso notar que esta rua, que hoje se assume claramente como um arruamento urbano, ainda hoje está sob a alçada da Junta Autónoma das Estradas estando assinalada nos mapas do ACP como "Estrada de Ligação" - ligando exactamente a EN 13 ao Rio Lima.

Fig. 3 – Crescimento comparado da população no século XX em Darque, Meadela e Anha



cidade, situado junto à sua entrada (feita preferencialmente pela estrada que liga o Castelo de Neiva ao Cais Novo) onde se situava a barca do concelho que fazia a travessia do rio. É neste mesmo local que se vão depois construir as pontes de madeira, em 1818, e depois a ferroviária que, no final do século passado, que a substituiu. É também aqui que se vai implantar a Fábrica de Loiça em 1774 e, depois, já no século XX a Seca do Bacalhau e a Empresa de Pesca.

A abertura das Estradas Real n.º 4 e, depois, da Nacional n.º 13 veio criar condições para «unir» estes dois núcleos da freguesia, o que aconteceu já em meados deste século com o surto imobiliário que se iniciou no Cabedelo, seguindo pela Quinta do Sequeiro e todas as urbanizações que hoje podemos ver, fazendo com que a freguesia viva virada para a cidade.

População

Para compreendermos um pouco melhor esta transformação podemos também analisar o evoluir da população ao longo do século XX, onde verificamos que os dados disponíveis vêm confirmar o que acabámos de ver. (ver fig. 3). A população manteve um crescimento constante até à década de

Nota-se mesmo que os lugares com maior ocupação de hoje, há 80 anos não tinham qualquer significado, como é o caso da Quinta do Sequeiro e do lugar da Areia.

Este fenómeno é também o causador do desaparecimento das Quintas. A expansão fez-se à sua custa, como aliás a toponímia ainda presta homenagem – a Quinta do Sequeiro, a Quinta da Bouça, etc - cujas famílias proprietárias se ausentaram para Lisboa ou Porto, acabando por deixar cair as casas e então ceder à especulação imobiliária face ao fraquíssimo rendimento dos produtos agrícolas e do modo de exploração – o arrendamento. (5)

Ao nível do urbanismo este fenómeno teve outra consequência: a criação de pequenas unidades (bairros e loteamentos) sem articulação entre si, causando enormes dificuldades ao nível da vivência em comunidade, acesso a serviços, transportes, etc.

Este processo da progressiva urbanização de Darque ficou documentado fotograficamente, em postais ilustrados, uma vez que serve de pano de fundo à vista de Viana desde de S.^{ta} Luzia, que sempre foi uma das imagens preferidas da promoção de Viana (como podem ver na fig. 5).

A RUA DIREITA

Ao caracterizarmos Darque de hoje em dia, notamos claramente a coexistência de dois modos de vida diferentes: ao lado de uma urbanização violenta e incaracterística há a persistência de uma habitação secular e com características muito próprias, com uma localização específica e uma razão de ser.

Esta forma de habitar toma forma num tipo de casa que nos surge com muita frequência no nucleo que temos vindo a analisar, que corresponde ao lugar da Igreja, nomeadamente na Rua Direita - actual Manuel Espregueira (ver fig. 6)

Esta é a «casa tipo» do núcleo primitivo de Darque. É uma casa

(5) Este fenómeno foi muito frequente na nossa província na geração anterior: A necessidade de ter um curso superior para poder manter um certo estatuto, implicava a deslocação para Lisboa, Porto ou Coimbra. Mas, depois de terminados os estudos, o facto de não haver lugar na terra de origem à altura da nova situação, levou os novos licenciados a fixar-se nas grandes cidades que tinham ensino superior, abandonando pouco a pouco os laços de origem, o que facilitou a venda dos bens, depois de herdados.

FIG. 4 – Localização dos lugares identificados nos censos

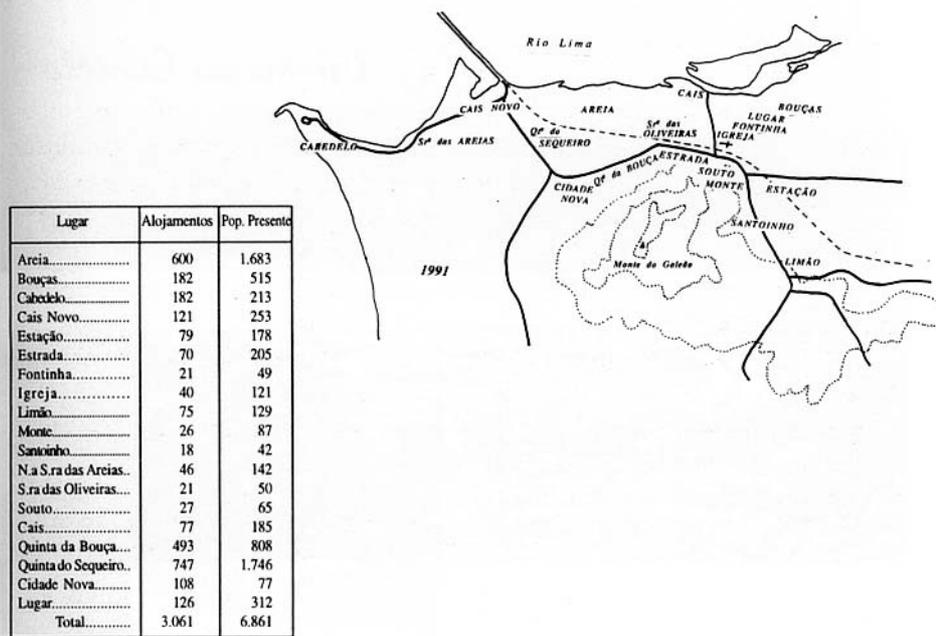
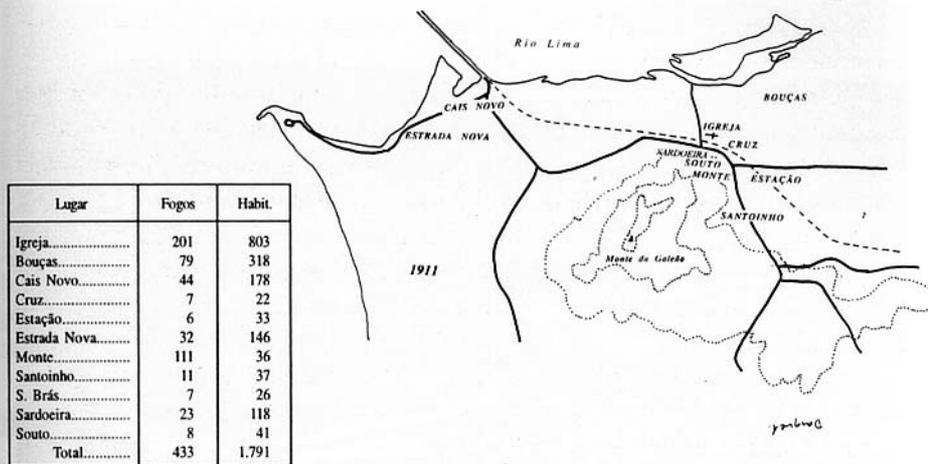
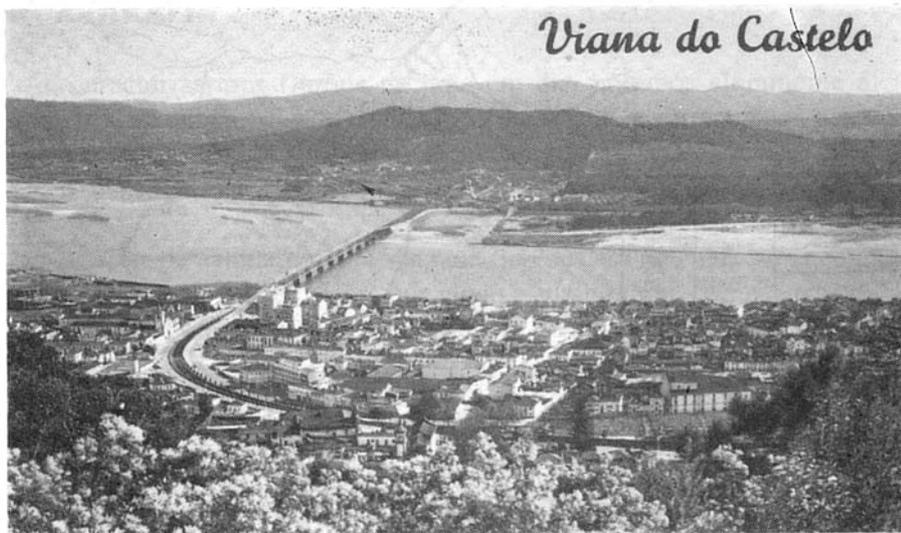
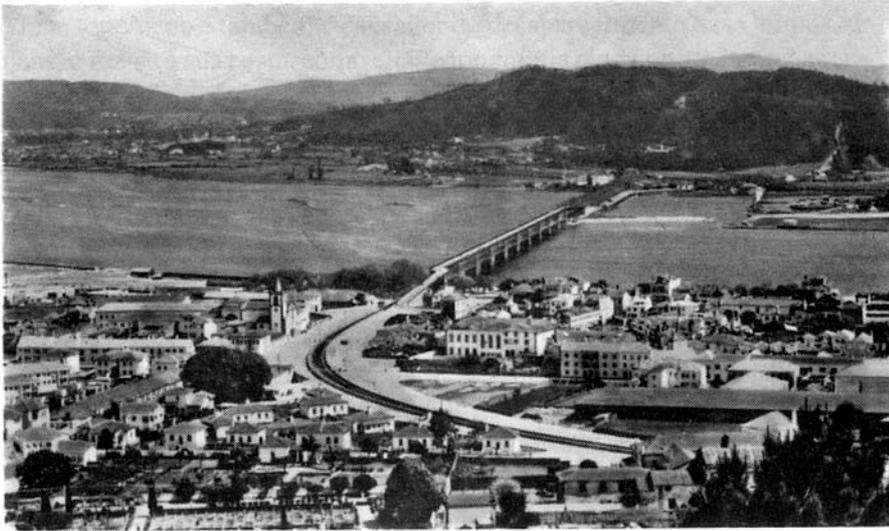
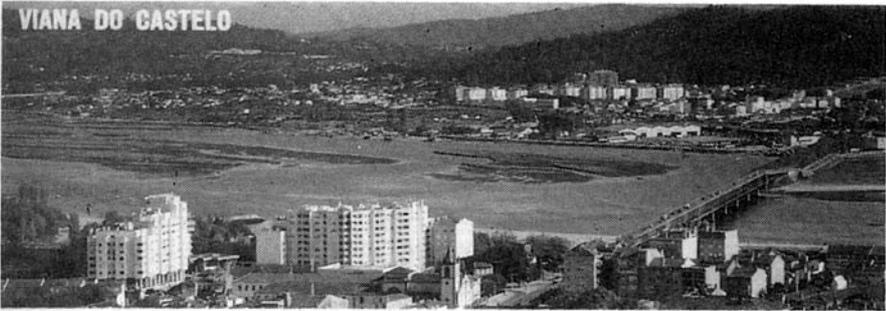


FIG. 5





É possível ver, juntamente com o crescimento de Viana, o processo de urbanização de Darque na segunda metade deste século e o aumentar da mancha branca dos edifícios, pelo Cais Novo, Quinta do Sequeiro, Areias, Quinta da Bouça, Cidade Nova, etc.

50-60, altura em que começou a crescer muito. É um crescimento demasiado brusco e artificial e não um crescimento natural da população provocado por um aumento da natalidade. É nitidamente provocado por uma migração de gente atraída pela cidade, mas que não se pode aí estabelecer, pelo que se vai fixar nos seus arredores.

Entre 1930 e 1991 a população aumenta de 2066 para 6955 habitantes. Em 50 anos a população mais do que triplica, tendo quase duplicado nos últimos 30 anos: 3632 habitantes em 1960 para 6955 habitantes em 1991.

Se compararmos este fenómeno com duas freguesias contíguas, Anha e Meadela, com sensivelmente a mesma área (Anha 10,4 Km², Meadela 7,8 Km², Darque 8,5 Km²), mas de características diferentes, poderemos melhor definir este fenómeno.

Anha sempre teve mais população até à década de 60-70 (provavelmente por ter uma área maior). Nesta década dá-se o grande crescimento de Meadela e Darque, com uma evolução muito semelhante.

Enquanto Anha mantém a sua vida rural, com a maior parte da população ligada à agricultura, e ainda com os problemas que a emigração trouxe, Darque e Meadela vêem os seus campos serem diariamente urbanizados para habitação de uma população que vem de fora e trabalha fora.

A evolução de Darque assemelha-se com a da Meadela, aliás estando ambas as freguesias hoje dentro do perímetro da cidade; Anha não foi muito influenciada por esta proximidade.

O mesmo fenómeno pode ser melhor compreendido ao analisarmos a distribuição da população por lugares, relacionando os censos de 1911 e 1991, que representam os extremos desta análise demográfica. (ver fig. 4).

Notamos desde logo que em 1911 a população se concentra no núcleo que agora analisamos, onde se dá a intercepção das vias fluvial e terrestre, existindo outros dois pequenos núcleos — junto à ponte, como já vimos e junto à estação — enquanto em 1991 a população está já perfeitamente disseminada por toda a freguesia.

Este fenómeno é igualmente visível no peso relativo que o lugar da Igreja detinha em 1911 — 46% da população residia aqui — e que detém em 1991 — 5,9% — o que acontece por hoje haver uma ocupação quase contínua de toda a área da freguesia, tendo mesmo sido esquecido o afastamento do mar.

extraordinariamente extrovertida, muito mais do que seria de esperar do carácter minhoto, muito provavelmente resultado do seu posicionamento e das circunstâncias que temos vindo analisar.

É uma casa localizada à face da rua, de dois pisos em que o acesso ao piso superior se faz por uma escada de granito, de um só lanço, encostada à parede da casa, que parte directamente da rua e sobe até um alpendre. Esta escada tem um corrimão, de granito também, geralmente de boas dimensões, que pode terminar com uma bela pedra de fecho, decorada em forma de «S». É também usual a existência de uma cancela de ferro a impedir o acesso. O alpendre não tem grandes dimensões, na maior parte dos casos é apenas sustentado por uma coluna, podendo o seu número aumentar com o tamanho da casa. O alpendre é totalmente aberto e composto apenas pelo madeiramento com a telha pousada. (Ver quadro I)

Dentro deste «tipo» há diversas soluções que se relacionam com as possibilidades económicas dos moradores: a mais singela é a escada de um só lanço, sem qualquer corrimão, encostada à parede da casa e que desemboca num patamar (que pode, ou não, ser coberto por um alpendre).

O melhoramento desta casa é feito principalmente pela decoração: o corrimão surge a guardar a escada e a pedra de fecho é bem decorada; o patamar é coberto surgindo alpendre com um bom madeiramento, trabalhado e colunas de granito. Não deixa, no entanto de ter um só lanço e de estar encostada à casa; quando surgem mais de um lanço ou situações em que a escada é perpendicular, tal facto deve-se a necessidades da localização.

Esta casa sofreu, também, alterações resultado quer destas adaptações aos locais de implantação, quer de adaptações diversas sofridas ao longo dos tempos. (Como se pode ver no quadro 1).

Neste quadro notam-se imediatamente dois aspectos negativos: a falta de respeito pelo espaço do alpendre, que em mais de metade dos casos foi fechado, para ser usado como mais uma divisão da casa, perdendo-se este espaço que, para além da identidade e beleza arquitectónica, tem uma papel importante na relação humana entre os vizinhos; outro aspecto é a introdução de materiais diferentes dos originais: o mármore na escada, o alumínio nos corrimão (e também nas portas e janelas), o betão no telhado que forma o alpendre (que assim dispensa a existência da coluna, desaparecendo assim este elemento decorativo). Todos estes aspectos descaracterizam e são bem demonstrativos da falta de sensibilidade dos moradores pelas suas próprias casas.

FIG. 7



Dois exemplos de casa típicas de Darque



Dois exemplos de
adulteração:

No primeiro caso o alpendre
foi fechado, para dar mais
uma divisão à casa e a
escadaria foi substituída por
outra de mármore;
no segundo, numa casa nova
houve a preocupação de
manter alguns dos elementos
característicos adoptados,
com melhor ou pior gosto a
um edifício novo

De uma forma geral confirma-se uma grande simplicidade e uniformidade nas casas (referimo-nos às que mantêm as características originais), nas formas e materiais usados, havendo apenas diferenças pontuais que se relacionam ou com a implantação ou com o poder económico, como é o caso das pedras de fecho dos corrimões.

É ainda curioso notar que apesar de a esmagadora maioria destas casas ter o acesso directamente desde a rua – em apenas seis casos ele é feito por intermédio de um pátio ou terreiro interior – a colocação de uma pequena cancela no início das escadas demonstra bem que o espaço é privado.

É também importante referir que na Passagem, em Moreira de Geraz do Lima, junto a outro cais e local de travessia do Lima para Lanheses, surge um pequeno núcleo com um largo e um pequeno troço de rua com este mesmo tipo de casas.

Em Darque assistimos a uma freguesia com dois ritmos diferentes: de um lado uma urbanização violenta e incaracterística, de outro a persistência de um modo de vida característico e secular, que se materializou num tipo de habitação, que é a base edificada da cultura existente, pelo que é muito sensível às transformações sócio-culturais, moldando-se às novas situações e formas de vida.

Esta tensão é bem sentida e denunciada no Boletim das Festas da freguesia de 1986 *«Darque vê-se assim, a braços com um problema de integração sócio-cultural, vivendo o espectro da rejeição dos que recusam integrar e aceitar as regras de uma vivência que sempre primou pela solidariedade entre os habitantes. Daqui uma situação de confronto que se tem vindo a verificar, com graves implicações de carácter social»*. Esta situação é, aliás, bem explicada por Veiga de Oliveira *«A casa dessacralizou-se completamente, é agora meramente um valor económico. O movimento de industrialização não se traduziu apenas no aparecimento de novos materiais de construção, determinando novas formas de casas desligadas da tradição secular, ele acarretou sobretudo uma mutação profunda nos conceitos, padrões culturais e estrutura da sociedade rural»*.

O caso de Darque é um caso de sobrevivência de um importante conjunto arquitectónico, testemunho de uma forma de vida, que é importante saber compreender.

Bibliografia

- Abreu**, Alberto Antunes
Darque na História, Viana do Castelo, ed autor, 1988
- Almeida**, Carlos A. Ferreira de
Vias Medievais de Entre Douro e Minho, Porto, Fac. Letras do Porto, 1968
- Araújo**, José Rosa de
Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte do Lima, Viana do Castelo, 1962
- Branco**, José Luís
Apontamento histórico: Para a História do Concelho de Viana do Castelo, in Cadernos Vianenses, vol 11, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1988
- Comissão de Festas
Vila de Arquius, Darqui, Darque, Onde nasceu ?, in Festas de Darque, 1986
- Costa**, P.º António Carvalho da
Darque, in Topografia Portuguesa, vol I, Lisboa, 1706
- Fernandes**, Mário Gonçalves
A travessia do "Lima em frente a Viana" ou da Barca do Concelho à ponte Eiffel, in Estudos Regionais, nº13/14, Viana do Castelo, CER, 1991
- Guerra**, Luís Figueiredo da
A Fábrica da Loíça de Viana, em Darque, in Archivo Vianense, Vol I, nº5, Viana do Castelo, Maio 1891
- Leal**, Augusto Pinho
Darque, in Portugal Antigo e Moderno, vol II, Lisboa, Livraria editora, 1873
- Llano**, Pedro
Arquitectura Popular en Galicia, 2 Vols Santiago de Compostela, Coag, 1983
- Machado**, Luís Pinto
Habitação Rural, métodos construtivos e elementos tradicionais, Lisboa, Liv. Pop. F. Franco, 1987
- Mendes**, José Espregueira
Monografia sobre a Costa Marítima Portuguesa, Lisboa, 1958
- Oliveira**, Ernesto Veiga de e **Galhano**, Fernando
Arquitectura Tradicional Portuguesa, Lisboa, D. Quixote, 1992
- Páris**, Rocha
S. Sebastião de Darque, in Pero Galego folha litteraria scientifica, etc, nº34, Viana, 1882
- Reis**, António Matos
Fundação da Fábrica de Louça de Darque, in Estudos Regionais, nº9, Viana do Castelo, CER, 1991
- Vieira**, P.º Carlindo
Barqueiros do Lima, Viana do Castelo, ed autor, 1984
- Vieira**, José Augusto
Minho Pitoresco

Cartografia consultada

- 1 Levantamento Aerofotogrametrico 40-4; 1-1; esc. 1:2.000, D.G.P.V., 1981.
- 2 Carta Militar de Portugal n.º 40, esc. 1:25.000, Serviços Cartográficos do Exército, 1949.
- 3 Carta corográfica (principal) dos Distritos de Viana e Braga e da margem direita do rio Minho, indicando as fortalezas aí existentes, s.a., s.d. (finais do séc. XVIII inícios do séc. XX).